

SUINOCULTURA

Setor em crescimento

As exportações de carne suína em 1998 foram recorde absoluto e a meta para este ano é de 100 mil toneladas

CLÁUDIO MARTINS

A suinocultura brasileira possui um rebanho de 36,5 milhões de cabeças. A exploração suína é tradicional no Brasil e foi efetivamente modernizada nas últimas duas décadas, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Hoje a suinocultura dessas regiões possui elevado padrão de eficiência e qualidade. A maior parte da produção provém de sistemas integrados entre estabelecimentos de criação e indústria. A participação brasileira no mercado internacional de carne suína é pequena, porém tende a aumentar sensivelmente.

Como se fez a suinocultura brasileira de exportação

A história dessa atividade pode ser dividida em duas fases: antes e depois da declaração da OIE de áreas livres de doenças infecto-contagiosas nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Se, na primeira fase, as barreiras sanitárias impostas ao nosso produto pelos principais importadores somente permitiam que exportássemos para a Argentina, Hong Kong e Uruguai, a partir da declaração da OIE, em maio de 1998, pudemos desenvolver a abertura de novos mercados.

O mercado internacional de carne suína é estimado em US$17 bilhões/ano e o Brasil tem potencial para conquistar um *market share* de pelo menos 5% nos próximos anos. Estamos trabalhando em parceria com o Ministério da Agricultura e Abastecimento e o Ministério das Relações Exteriores, para acessar mercados importantes como o Japão, primeiro importador mundial desta proteína animal, e a União Européia, igualmente destacado importador.

A REPRESENTATIVIDADE das exportações em relação à produção nacional cresceu 22%, contribuindo decisivamente para melhorar a relação entre oferta e demanda no mercado doméstico. Em 1998 as exportações representaram 5% do total produzido. Em 1997 esse índice era de 4,1%.

A Abipecs já acessou o mercado da Rússia, o segundo maior importador mundial, e estamos iniciando entendimentos com o mercado japonês, primeiro importador mundial.

É meta do setor, para os próximos cinco anos, exportar algo em torno de meio bilhão de dólares FOB em produtos da suinocultura.

Exportações em 1998 e perspectivas

Embarcamos, em 1998, 81.565 toneladas, recorde absoluto de vendas, representando crescimento relativo positivo de 28% sobre os embarques realizados em 1997.

O resultado sinaliza que o setor caminha a largos passos rumo à inserção definitiva do Brasil no mercado internacional como um dos principais exportadores dessa proteína animal.

Temos que comemorar os resultados alcançados, pois, segundo o último relatório do Usda, o Brasil já se coloca entre os sete maiores exportadores mundiais, superado pela União Européia, Estados Unidos, Canadá, Polônia, China e República da Coréia.

A posição se torna mais representativa quando observamos que, hoje, exportamos para somente três mercados, Argentina, Hong Kong e Uruguai, e temos grandes oportunidades de acessar mercados importantes em 1999, dentro de um planejamento setorial organizado em parceria com o governo brasileiro, em especial os Ministérios da Agricultura, Relações Exteriores e Camex (órgão da Presidência da República).

O coeficiente de representatividade das exportações em relação à produção nacional, ou seja, variação percentual da taxa de participação das exportações em relação à produção, cresceu 22%entre1997 e 1998, contribuindo decisivamente para melhorar a relação entre oferta e demanda no mercado doméstico.1998, as exportações representaram 5% do total produzido, emquanto em 1997 este índice era de 4,1%.

A receita cambial gerada pelos volumes exportados atingiu US$153,802 milhões, igualmente recorde, representando crescimento de 4% sobre 1997.

O menor crescimento relativo apresentado pela receita cambial em relação aos volumes se deve principalmente à queda dos preços dos produtos da agricultura no mundo, em função da crise

financeira da Ásia e da moratória da Rússia. Também teve influência nos preços a concorrência desleal de subsídios que enfrentamos no Mercosul por parte de terceiros fornecedores.

Estamos otimistas para o corrente ano, e a meta estabelecida é a de vendermos 100 mil toneladas de carne suína, que corresponderão a divisas cambiais de US$200 milhões – crescimento de 23% nos volumes e 30% nos valores.

Para a viabilização dessa meta, serão necessários:

- agressiva ação de promoção comercial do suíno brasileiro no mercado internacional, em parceria com a Apex – Agência de Promoção de Exportação, tentando atingir, em 2002, algo em torno de meio bilhão de dólares com as exportações;
- busca incessante de mercados, através de ações diplomáticas nas negociações de acesso aos mercados-alvo;
- aumento da competitividade das exportações em função da recente alteração da política cambial, da reforma fiscal e do desgravamento de impostos na exportação.

A próxima rodada do milênio da OMC disciplinará o acesso a mercados, combatendo as práticas desleais de comércio como subsídios, barreiras sanitárias etc., o que aumentará as vantagens comparativas que o suíno brasileiro detém.

Cláudio Martins é presidente executivo da Abipecs.

AVICULTURA DE CORTE

O difícil sucesso

Contradizendo prognósticos iniciais, o desempenho da avicultura brasileira deixou um saldo positivo em 1998

Luiz Antonio Pinazza e Regis Alimandro

À crise econômica enfrentada pelos países do Leste asiático, tradicionais importadores do Brasil, somaram-se problemas sanitários com o rebanho, decorrentes da incidência da leucoce, considerada o último dos males aviários do século XX. Até o fim do primeiro semestre os resultados da avicultura de corte eram preocupantes.

Percalços e parcerias

Entre janeiro e junho, clientes importantes como o Japão e a Rússia reduziram suas compras. Para piorar, os EUA e a França prosseguiram subsidiando as exportações em mais de 50%. A Tailândia, cuja moeda tinha sido desvalorizada, ficou mais competitiva e abocanhou alguns mercados.

Em termos de volume físico os embarques se reduziram 11% em relação a 1997 – convertendo em dinheiro, menos 23%.

A derrota no painel do frango na Organização Mundial de Comércio, em julho, engrossou a onda de pessimismo. A cota de isenção fiscal para as exportações destinadas à UE manteve-se em 7,1 mil toneladas, embora o Brasil pleiteasse um volume 46% superior, segundo os acordos bilaterais assinados no âmbito da Rodada Uruguai. Ademais, os importadores europeus se beneficiam da isenção fiscal, pois são eles que negociam esses direitos no continente. O exportador brasileiro não sabe se a venda faz parte da cota ou não.

"O frango não pode pagar o pato"

A Apinco – Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte – divulgou no fim de janeiro um *newsletter* intitulado *O frango não pode pagar o pato,* de José Carlos Godoy, secretário executivo da entidade.

O trabalho esclarece a verdadeira posição da avicultura de corte no contexto da economia brasileira. Em face da atualidade do assunto, a CartaJox está disponibilizando o acesso ao artigo através da Internet.

Para recebê-lo, basta enviar um e-mail para cartajox@jox.com.br e na linha subject (assunto) escrever somente jgfran. Os dados abaixo são parte integrante do trabalho.

Brasil: avicultura de corte no contexto da economia

Item	*1998 – Realizado*		*1999 – Potencial instalado*	
	Volume anual	*Variação*	*Volume*	*Variação anual*
1. Matrizes de corte (milhões de cabeças)	25,058	8,40%	27,5	10%
2. Pintos de corte (bilhões de cabeças)	2,858	-0,18%	3	5%
3. Carne de frango				
Produção – milhões t	4,498	0,84%	4,8	7%
Exportação – mil t	612	-5,68%	700	15%
Cons. interno – milhões t	3,885	1,95%	4,1	5%
Cons. *per capita* – kg	24	0,68%	25	4%

Fonte: Apinco. *O frango não pode pagar o pato . CartaJox.*